

CONGRESSO DOS LEIGOS

Na primeira quinzena de Outubro, realiza-se em Roma mais um Congresso internacional de Leigos, isto é, de todos os que colaboram na acção apostólica da Igreja.

Estarão representados numerosos países do mundo, porque a Igreja não tem fronteiras, é universal e o seu apostolado é igual em toda a parte.

Rezemos pelos frutos deste Congresso, tão importante para tornar Cristo conhecido e amado no mundo inteiro.

UM MINUTO DE SILÊNCIO

Na Sexta-feira Santa, às 3 horas da tarde, prestemos homenagem a Jesus Crucificado. Que todo o trabalho e todo o ruído cessem, e que nossos corações se elevem para o Salvador, durante um minuto de recolhimento e oração.

BOA SEMENTE

Poço Novo, n.º 7 — LISBOA

Telef. 21753

Propriedade da Liga Agrária Católica Feminina



Boa Semente

ABRIL DE 1957

Deus no Sofrimento



Chamaste por mim, Senhor?
Há pouco (a tarde era calma
E o dia
Empalidecia
Com a nostalgia da cor)
Ouvi passos no caminho,
No meu caminho interior.

...E bateram de mansinho
À porta da minha alma.

Fui abrir. Nesse momento,
(Foi um momento sem fim)
Deu entrada o sofrimento
Dentro em mim.

Talvez um lobo do Vício
(A quem Tu, Senhor, não dês
O orgulho do sacrifício)
Tivesse medo... Talvez...

Mas eu, que vivo a buscar-Te
E sei que moras na Dor,
Eu que Te amo em toda a parte,
Não senti esse temor.

Venho apenas perguntar-Te:
— Chamaste por mim, Senhor?

MIGUEL TRIGUEIROS

Ouviste já, sem dúvida, o apelo do Senhor, essa chamada exigente, que parece vir despertar-te de um sono, e lançar-te em um mundo onde só a dor e a angústia têm lugar. Ouviste-o — quem sabe? — quando a doença te bateu à porta e fez de um dos teus filhos, forte e são como um pinheiro novo, um pobre ser a debater-se na agonia e no sofrimento.

Ouviste-o enquanto, debruçada sobre ele, sentias a morte rondar, como um ladrão que se aproxima, oculto nas sombras da noite.

Ouviste-o quando a tua filha quis ir para a cidade, e se separou de ti, sem um lamento, sem um olhar de pena; e quando o teu rapaz foi para a tropa, e tu ficaste a tremer, não fossem mandá-lo por esses mares fora, para terras distantes, onde a morte espreita, e o amanhã é incerto.

Ouviste-o ainda quando o teu homem perdeu o trabalho, e tu receaste pelo pão dos teus filhos; e ouviste-o nos teus dias maus, em que tudo parecia correr-te mal, e voltar-se contra ti...

Ouviste-o tantas vezes, não é verdade? Vezes de mais, pensas tu; ouviste-o com tanta frequência que sentes a alma cansada e te apetece fechar os olhos e dormir, dormir no esquecimento e na paz.

Contudo, quando a dor te veio bater à porta, terás reconhecido nela a voz do teu Senhor, do Deus Crucificado, a beber até ao fim o cálice da amargura? Sabias



que era Ele, trazendo nas mãos sangrentas o cálice que lhe ofereceram, para que bebesse com Ele?

Bem sabes o que havia nesse cálice: era o abandono dos amigos, era a ingratidão daqueles a quem fizera bem, era o ódio e o escárneo dos inimigos, era a inveja cobarde e mesquinha dos que se sentiam pequenos de mais para O imitar...

E era ainda a incompreensão, que havia de prolongar-se pelos séculos fora e afastaria dele os homens que tanto amava, e por quem dera, gota a gota, o Seu Sangue precioso.

Tudo isto havia no cálice, como tudo isto, ou coisas semelhantes, há no cálice que Ele te apresenta.

Como recebes esse cálice da angústia e da desolação? Como respondes ao chamamento do Senhor quando Ele, justamente por te amar, pretende fazer-te sofrer?

Na revolta, como se estivesse ante uma coisa imerecida e injusta? Mas o cálice do Senhor também foi injusto, e imerecido o seu sofrimento.

Ou numa resignação alegre e confiante, por te lembrares de que o discípulo não é mais do que Mestre?

Como o recebes? Como respondes? Pergunta-o a ti mesma, minha amiga distante, nesta Semana Santa em que tens diante dos olhos a dolorosa Paixão do Senhor.

RESSURGIR

— Sempre aquele ingrato a tomar-te o pensamento! Sempre ele a fazer dos teus olhos duas fontes! Ah! mulher, mulher, então esse rosto nunca mais se abre num sorriso, num trejeito de alegria? Deixa-a por essas terras do demo; entregue ao seu destino... Pois não foi ele, por suas mãos, que o arranjou?

Não tens as filhas, duas raparigas que são o nosso orgulho? Revê-te nelas, Catarina, olha, que são bem à tua semelhança. Poupadas, honestas, boas donas de casa. Que mais queres tu?

— Tens razão, António. Bem sei, que grandes graças tenho que dar a Deus, pelas filhas que nos deu. Mas essas não me ensombram o coração. Vejo-as. Não há alegria que elas sintam, que não haja sol na minha vida. Não há dor que as tolha, que não me doa o corpo todo. Tenho-as aqui, à minha beira. Sei o que fazem. Se fome passassem, do nosso pão comeriam. Se não tivessem abrigo, não lhes faltaria o cantinho da nossa casa para as acolher. Mas, ele? O nosso filho por onde anda? Quando me sento aqui, à nossa mesa, parece-me vê-lo, sentado no seu lugar, forte, trigueiro, os olhos vivos e o riso pronto. Tão nosso amigo!... Era impulsivo, bem sei, mas tinha bom coração. Era leviano, é certo, mas breve lhe chegava o arrependimento. Ah! aqueles livros que ele lia foram a sua perdição. Acordaram-lhe o gosto pelas aventuras e levaram-no! Tantos anos sem o ver, tantos! Apenas uma carta, uma só, me escreveu e é ela o que me resta do nosso filho. As minhas lágrimas já quase lhe sumiram as letras. Se não passa um dia que a não leia... Sei-a de cor, mas, enquanto não a leio, não se acalma este amargar de saudade, que me roi o peito. Já lá vão trinta anos que ele partiu e vê tu, homem, ainda espero o nosso Adolfo, só porque me diz na carta: «Espere por mim, mãe, um dia voltarei». Ele há-de voltar, António. Cansado, envelhecido, exausto de pisar tantos caminhos de abrolhos por esse mundo. Que importa, se puder apertá-lo nos meus braços?

★

As águas correram em ondas pequeninas, a esconder, para sempre, o corpo que lhe lançaram. A lúgubre tarefa estava terminada e o barco retomava a marcha. Paulo, na amurada, com os olhos enevoados de lágrimas, fixava, a custo, o sítio, já distante, onde o pai desaparecera.

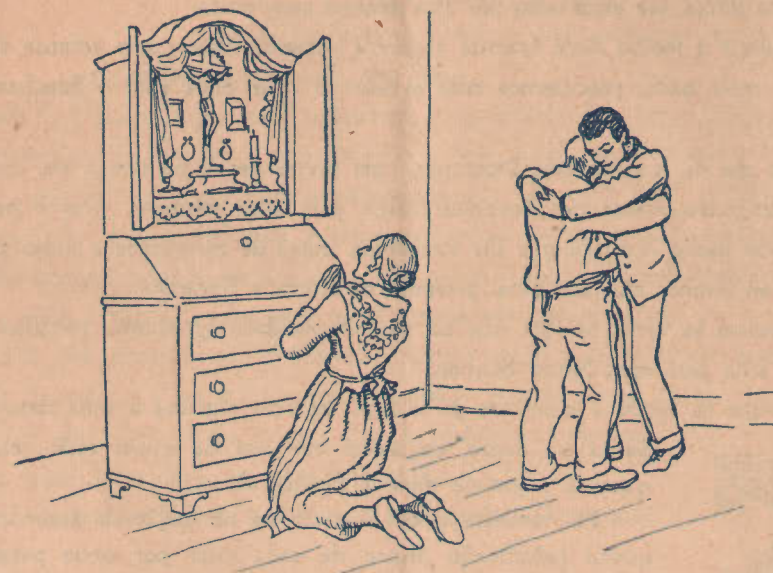
Uma sensação de abandono, de profundo desalento invadia-o. O pai fora tudo para ele. Criança ainda, perdera a mãe, mas tantos desvelos e carinhos o pai lhe prodigalizava que mal se apercebera da sua falta. Crescera, trabalhara com o pai, sem descanso, nessas terras longínquas, para num dia poderem voltar. É que uma só ambição os dominava a ambos: o regresso à terra-mãe. Naquele ano, o pai sentira-se doente. Receoso, liquidara os negócios e embarcaram.

Pobre pai! Já no barco, com os olhos a brilharem numa grande alegria, dissera-lhe: — Paulo, prometi a minha mãe, a tua avó, que voltaria. Vou cumprir a minha promessa. Há-de julgar que a esqueci. Escrevi-lhe uma carta, uma só. Para quê, dizer-lhe os baldões que levei, se muitas lhe tivesse escrito? Antes julgar-me morto, que saber o que passei!... Agora, saberei pedir-lhe perdão e nunca mais a deixaremos, nunca mais!...

★

Repicam os sinos na torre da velha igreja. As ruas da pequena vila estão tapetadas de rosmaninho e flor da murta e o seu perfume rescende suavemente. Não há casa, por mais pobre, que não ostente colchas e festões de verdura, nas ruas por onde vai passar a procissão.

O António do Vale é, como sempre, o juiz da festa, não porque seja o



lavrador mais rico da vila, mas porque casou em domingo de Páscoa e tão feliz tem sido com a sua Catarina que resolveu festejar esse dia com festa solene na igreja e lauto banquete em sua casa.

Alegre e gracejador, anda de um lado para outro, auxiliando o sr. prior a organizar a procissão, desejoso de que o desfile se faça com o maior luzimento.

Enquanto na igreja o velho lavrador anda atarefado, Catarina, em casa, lida sem cansaça a pôr tudo em ordem e vigia para que nada falte. Ajeita o velho cadeirão de couro, onde o sr. prior presidirá ao festivo repasto, mentalmente, vai marcando os lugares dos numerosos convivas, põe na mesa

(Continúa na pág. 17)

GRÃOS DE

Ao entrar na igreja fizemos o sinal da cruz com água benta; e, se o fizemos com conhecimento e fé, podemos avançar, seguros de que as nossas faltas veniais nos foram perdoadas.

Há quem ao tomar a água benta, pretenda dobrar o joelho ao mesmo tempo, e disso resulta que faz mal qualquer das coisas, além de que, se há outras pessoas a entrar na igreja, são estorvadas por essa demora inesperada.

O dobrar o joelho deve fazer-se também pensadamente como adiante diremos. Antes de mais nada, procuremos com o olhar o altar onde está o Santíssimo Sacramento.

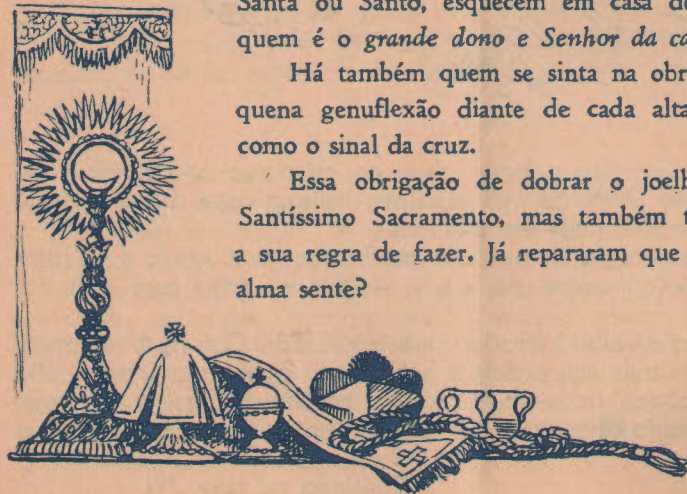
Seja dia de semana, seja Domingo, haja muita gente na igreja, ou não esteja lá mais ninguém, nunca nos devemos dirigir para *altar nenhum, nem a nenhuma imagem por maior devoção que lhe tenhamos*, antes de dirigirmos a nossa primeira saudação ao Senhor que nos olha, presente na Sagrada Eucaristia.

Vêm-se às vezes pessoas que na sua simplicidade ignorante, coitadas, cometem essa falta para com Nosso Senhor.

Entram na igreja e desejosas de ir fazer as suas súplicas a uma determinada Santa ou Santo, esquecem em casa de quem estão, esquecem quem é o *grande dono e Senhor da casa!*

Há também quem se sinta na obrigação de fazer uma pequena genuflexão diante de cada altar por onde passa, bem como o sinal da cruz.

Essa obrigação de dobrar o joelho, só existe diante do Santíssimo Sacramento, mas também tem a sua significação e a sua regra de fazer. Já repararam que o corpo mostra o que a alma sente?



LITURGIA

Vendo nós, mesmo que seja ao longé, e sem ouvir, duas pessoas a falar, percebemos pelos seus gestos, pelas suas maneiras, se estão zangadas, exaltadas, quase a bater-se, ou também, se estão a falar como amigas, com delicadeza e respeito.

Só o mexer dos seus braços, o movimento da cabeça, das mãos e de todo o corpo nos diz o que se passa entre elas.

Assim as posturas, ou posições que a liturgia da igreja nos ensina e manda, tais como o dobrar o joelho, o levantar-se, ajoelhar, pôr as mãos, bater no peito, mostram a nossa comunicação interior com Deus.

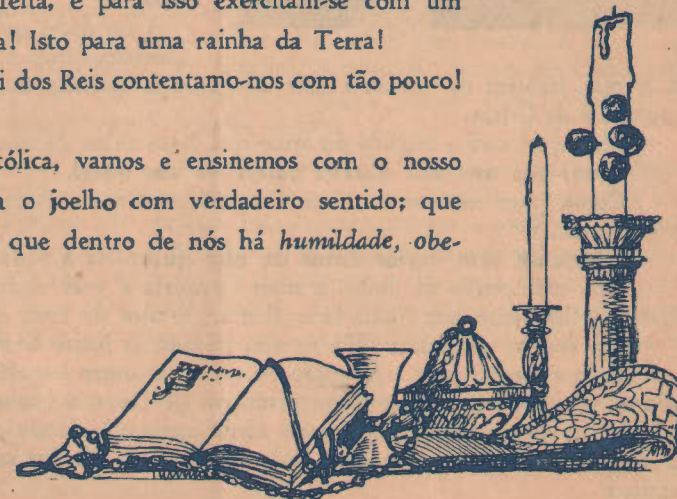
Dobrar o joelho quer dizer *submissão, e reverência*. Por isso, dobrar o joelho, diante de Nosso Senhor real e presente, não é fazer *uma coisa qualquer*.

É sentir de facto que nos consideramos seus *servos e fiéis vassallos* e devemos fazer esse movimento com a maior reverência e de forma acentuada, quer dizer, devagar e marcando bem o gesto que se faz. O *joelho direito dobra-se e deve tocar no chão*, e não como às vezes se vê apenas pôr um pé atrás.

Sabei que numa corte da Europa, muito austera e rigorosa em costumes, as senhoras quando vão ser apresentadas à rainha, andam meses antes a aprender a fazer uma vénia bem feita, e para isso exercitam-se com um livro em cima da cabeça! Isto para uma rainha da Terra!

E nós, diante do Rei dos Reis contentamo-nos com tão pouco! Vamos.

Nós da Acção Católica, vamos e ensinemos com o nosso exemplo como se dobra o joelho com verdadeiro sentido; que quem nos veja perceba que dentro de nós há *humildade, obediência e louvor*.



Petiscos

BACALHAU A NORTENHA



Remolha-se bem o bacalhau, coze-se e pica-se. Pica-se salsa e junta-se-lhe. Aquece-se azeite num tacho de barro e deita-se-lhe cebola às rodas, um dente de alho, um ramo de salsa e pimenta. Quando alourar, deitam-se umas gotas de água e em seguida o bacalhau. Quando estiver bem quente e ligado ao azeite, serve-se.

FRITURAS

Quando há restos de peixe ou de carne aproveitam-se da seguinte maneira: 2 colheres de farinha de trigo bem desfeitas numa pequena porção de água, um pouco de salsa picada, dois ovos uma pitada de sal. Mexe-se bem e deitam-se aos pedacinhos a carne ou o peixe. Fritam-se em azeite ou óleo bem quente, deitando uma colher, das de sopa, cheia de massa e virando de forma a enrolar.

Notícias da L. A. C. F.

Em Braga

Realizou-se, no dia 11 de Novembro p. p., o Conselho Diocesano para Delegadas Regionais e Encarregadas da formação das mães. Seguiram-se os Conselhos Regionais de Ponte de Lima, Barcelos e Espozende, Guimarães, Braga, Amares e Famalicão, Ponte da Barca e Vila Verde, Fafe, Póvoa de Lanhoso e Vieira, Viana e Monção, Póvoa do Varzim e Vila do Conde, Melgaço e Valença e mais um para as faltozas. Nestes onze conselhos ficou resolvido, entre outras coisas, cui-

dar do aperfeiçoamento das «lacistas», para que estas, pelo seu exemplo, sirvam de estímulo a tantas que devem ser trazidas, ao caminho de Deus; organizar Retiros para casais em todas as regiões. As reuniões para as mães, nos dias de mercado, continuam.

Verificamos por estas notícias que o bom êxito destas iniciativas se deve às Delegadas regionais e às Delegadas da formação das mães. Bem hajam! Que o Senhor as ajude em tão útil tarefa.

CALENDÁRIO

ABRIL

Dia 7, quarto crescente
Dia 27, quarto minguante
Dia 14, lua cheia
Dia 29, lua nova

Jejum

Para quem tem indultos, o dia 19.
Para quem os não tem: Todos os dias até 20 excepto os dias 7 e 14.

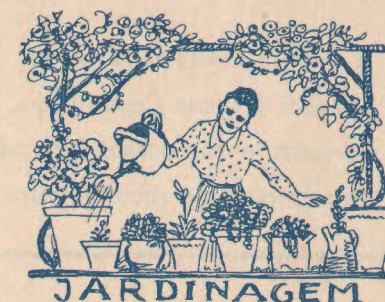
Abstinência

12 e 19, para quem os não tem, as 6.^{as} feiras e os dias 6, 13 e 20.
Para quem tem indultos, dias 5,



Hortas

Além das sementeiras indicadas para Março, devem também semear-se: milho de regadio, melões, melancias, abóboras, beterrabas, cenouras, luzerna, painço e outros pastos. Ainda se semeiam batatas e sulfatam-se as que estão nascidas. As videiras já enxertadas devem começar a ser enxofradas e sulfatadas. Ainda pode semear-se o linho. Tosquiaram-se as ovelhas.



Quem quiser rosas grandes, corte-lhes alguns botões. Cuidado com as dalias, não deixem as lesmas e os caracóis comerem-lhes os rebentos.